

Traços semânticos estão envolvidos na aquisição de primeira língua? Ou são apenas interpretáveis na interface?

Estudo sobre a aquisição de complementação sentencial em PB¹

Vivian Meira¹

¹ Instituto de Estudos da Linguagem – Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)
Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias - Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

vivianmeira@gmail.com

Resumo. Este artigo apresenta resultados parciais sobre os padrões de complementação sentencial, tanto as completivas finitas (indicativo e subjuntivo) quanto as não-finitas (especificamente o infinitivo), na aquisição do Português Brasileiro. Tomamos como base a Teoria de Princípios e Parâmetros (cf. Chomsky, 1981) e partimos da hipótese de que a oposição Realis/Irrealis é marcada por distintos padrões de complementação, ou seja, o infinitivo e o indicativo, por serem adquiridos antes do subjuntivo, tendem a expressar os traços [+/- realis]. Nesse sentido, o marcador morfológico de infinitivo assume o traço [- realis] (que será posteriormente assumido pelo subjuntivo) e o indicativo, em orações finitas, expressa o traço [+ realis]. Para tanto, tomamos como base a Hipótese da Oposição Semântica, segundo a qual há uma hierarquia semântica no que se refere aos modos verbais no período da aquisição. Foram analisados dados de três crianças, duas pertencentes ao CEALL, do Rio Grande do Sul, com idade entre 1,08 e 3,07 e uma pertencente ao CEDAE, da UNICAMP, com idade entre 1,0 e 3,02.

Abstract. This paper presents partial results about standards of sentential complementation, not only the finite completives (indicative and subjunctive mood) but also the not-finite (specifically the infinitive), in the acquisition of the Brazilian Portuguese. Based on the Theory of Principles and Parameters (cf. Chomsky, 1981) and on the hypothesis of that the Realis/Irrealis opposition is marked by distinct standards of complementation, i.e., the infinitive and the indicative, for being acquired before the subjunctive mood, tend to express the traces [+/- realis]. In this direction, the morphologic marker of infinitive assumes the trace [- realis] (that will be assumed later by the subjunctive mood) and the indicative, in finite clauses, expresses the [+ realis] trace. In this way, we base our analysis on the Semantic Opposition Hypothesis, according to which there is a semantic hierarchy as for the verbal

¹ Agradeço à Prof.^a Dr.^a Ruth Lopes, à Prof.^a Dr.^a Sonia Cyrino e a Marcos Eroni Pires pela leitura cuidadosa do texto e a Fábio Fortes pelo *Abstract*. Os problemas remanescentes são de minha inteira responsabilidade.

ways in the period of acquisition. There has been analyzed data of three children, two pertaining the CEALL, of the Rio Grande do Sul, with age ranging from 1,08 and 3,07 and one belonging to CEDAE, UNICAMP, with age ranging from 1,0 and 3,02.

Palavras-chave: complementação sentencial; oposição *realis/irrealis*; português brasileiro

1. Introdução²

A hipótese geral que guia este artigo é a de que os universais do desenvolvimento da linguagem podem estar relacionados a níveis de interface entre a semântica e a morfossintaxe. Acreditamos que traços formais e semânticos estão envolvidos na aquisição de primeira língua. Para tanto, desenvolvemos uma pesquisa sobre a aquisição de complementação sentencial, concentrando-se em Português Brasileiro (PB), com a hipótese de que a aquisição de tal fenômeno na língua vincula-se à aquisição da modalidade. Segundo Deen e Hyams (2006), as línguas apresentam formas específicas como indicadores de irrealidade, ou seja, a oposição semântica *realis/irrealis* se manifesta na morfossintaxe das línguas através de formas distintas, a depender de a língua ser uma língua de sujeito nulo, de infinitivo raiz, sem infinitivo, dentre outros. De modo geral, pesquisas revelam (cf. Deen e Hyams, 2006; Salustri e Hyams, 2003; Stephany, 1997) que a oposição entre modo *realis* e *irrealis* é gramaticalmente expressa pela oposição entre morfossintaxe finita e não-finita, revelando uma relação entre a morfossintaxe e a semântica das línguas. Diante disso, buscamos verificar a manifestação dessa oposição semântica e formal na aquisição de PB, além de verificar as formas que estão no período inicial de aquisição dessa língua expressando modalidade. De início, partimos da hipótese de que em PB a oposição *realis/irrealis* é expressa num estágio inicial, respectivamente, pela complementação indicativa e infinitiva e quando a morfologia de subjuntivo é adquirida e aumenta o seu uso, acreditamos que há uma diminuição das ocorrências de infinitivos nos contextos de irrealidade.

A análise dos dados da produção espontânea foi feita com o modelo de Princípios e Parâmetros. O artigo estrutura-se da seguinte forma: Na primeira seção, discutiremos o envolvimento de traços semânticos e formais na aquisição de primeira língua e de que forma a modalidade pode apresentar evidências para a hipótese de que há um princípio universal que reside na interface entre semântica e a morfossintaxe no desenvolvimento da gramática inicial. Na segunda seção, serão apresentados os resultados da literatura em aquisição de complementação sentencial, para discutirmos esse fenômeno em PB e na última seção apresentamos as considerações parciais sobre os resultados até então encontrados.

² Gostaria de fazer uma consideração a respeito desse artigo: (i) trata-se de uma apresentação dos resultados parciais de minha pesquisa de qualificação de doutorado na UNICAMP. Assim, encontra-se ainda em fase de análise de dados e pretendo ainda apresentar em um artigo futuro uma comparação entre a aquisição de complementação sentencial em PB e em Inglês a fim de chegar a resultados mais abrangentes sobre esse fenômeno em língua de sujeito nulo e não-nulo.

2. O envolvimento de traços semânticos e de traços formais na aquisição de primeira língua

Deen e Hyams (2006) argumentam que os universais do desenvolvimento da linguagem residem nos níveis de interface entre a estrutura semântica e a morfossintática e defendem que a oposição semântica dos modos é manifestada na morfossintaxe das línguas na morfologia finita e não-finita, o que os leva a acreditar que há uma relação entre semântica e sintaxe no período de aquisição.

Eles partem do fato de que, em algumas línguas, como a Swahili (língua banto), grego, holandês, italiano, Tempo e Modo não formam uma categoria unitária. Assim, a expressão de modo *irrealis* na gramática inicial de línguas como a Swahili exclui a especificação de tempo. Assumem, além disso, que o morfema de infinitivo tem um traço irreal que provavelmente deve licenciar a projeção de Modo, assim como o traço de tempo licencia a projeção de Tempo. Na verdade, o modelo de gramática assumida é aquele em que traços flexionais (morfológicos ou lexicais) podem licenciar a estrutura sintática. Para tanto, partem da Hipótese da Oposição Semântica (cf. Hyams, 2001), do inglês, *Semantic Opposition Hypothesis* – SOH, que pode explicar determinados fenômenos ocorridos na interface entre semântica e morfossintaxe. Giorgi e Pianesi (1997) discutem também a questão de traços flexionais licenciarem categorias sintáticas fazendo referência a Tempo e Aspecto.

Discutir se traços semânticos estão ou não envolvidos na aquisição de primeira língua ou se são apenas interpretáveis na interface constitui uma questão que ainda necessita ser melhor debatida. Evidências empíricas devem ainda ser analisadas para se chegar a conclusões mais gerais sobre essa questão.

A seguir serão apresentados alguns estudos que discutem a expressão da oposição semântica *realis/irrealis* em algumas línguas e de que modo essa distinção apresenta correlação com a complementação sentencial.

3. A aquisição de complementação sentencial em italiano, holandês, grego e Swahili: Considerações sobre a expressão de irrealidade na gramática infantil

Há línguas de infinitivo, como o italiano, o português; há línguas de infinitivo raiz, como o inglês, o holandês; há línguas sem infinitivo como o grego, mas todas as línguas apresentam uma forma finita e uma forma não-finita e em todas as línguas há uma oposição semântica entre o modo *realis* e o modo *irrealis*.

A literatura em aquisição de linguagem demonstra que a distinção semântica entre modo *realis* e *irrealis* tem distintas expressões na morfossintaxe de diferentes línguas e essa oposição semântica frequentemente apresenta relação com as formas finitas e não-finitas. De modo geral, a forma finita expressa o modo indicativo e a não-finita é utilizada em contextos de irrealidade.

Deen e Hyams (2006) sustentam que há um princípio universal que rege a interface entre a semântica e a morfossintaxe na gramática inicial e partem da Hipótese da Oposição Semântica para explicar tanto a oposição semântica universal entre *realis* e *irrealis* quanto a sua realização na morfossintaxe das línguas, conforme já se apontou acima. De modo geral, essa hipótese supõe que “a expressão de modo *irrealis* na

gramática inicial exclui a especificação de tempo”³ (Deen e Hyams, 2006, p. 69), já que a expressão morfossintática de Tempo e Modo estão em distribuição complementar nos estágios iniciais do desenvolvimento da gramática. (Cf. Deen e Hyams, 2006).

Na gramática inicial do grego (cf. Hyams, 2002), crianças produzem formas sem marcas de tempo, chamadas “bare perfective”, com referência modal e agramatical na língua adulta, mas estas formas apresentam propriedades temporais parecidas com o infinitivo raiz (do inglês, *root infinitive* - RI) holandês. São formas não-finitas que expressam modo *irrealis* e, de acordo com Deen e Hyams (2006), é um típico efeito de RI em uma língua sem infinitivo. À medida que aumenta o uso de modais, diminui a proporção de bare perfective. O mesmo ocorre na aquisição do holandês, as propriedades semânticas do RI apresentam, nessa língua, significado essencialmente modal ou irreal, expressando desejo e intenção das crianças (cf. Blom, 2003; Hoekstra e Hyams, 1998) e o uso do RI diminui quando a proporção de uso de modais aumenta. Kalestinova (2007) defende modelos universais na produção de RI na aquisição, apresentando semelhanças entre dados do russo e do holandês. Hoekstra e Hyams (1998) chamam de Efeito de Referência Modal (do inglês, *Modal Reference Effect* – MRE) a grande quantidade de RIs expressando significado irreal ou modal nas gramáticas iniciais no período de aquisição.

Dentre as línguas românicas, há dados do italiano, no qual o imperativo funciona como um análogo do RI, pois expressa as propriedades deste, sendo marcado com um traço “irreal” (cf. Salustri e Hyams, 2003). Salustri e Hyams (2003) mostraram que o imperativo ocorre numa proporção maior na gramática das crianças do que na dos adultos e com uma frequência maior em línguas de sujeito nulo do que em línguas de infinitivo raiz, já que tanto o imperativo quanto o RI expressam modo *irrealis*; assim, em línguas de RI, como o holandês, os RIs funcionam como um imperativo no italiano (cf. Salustri e Hyams, 2003).

Em Swahili, Deen e Hyams (2006) observaram que o marcador de irrealidade na gramática inicial é a vogal final de subjuntivo (análogo ao RI holandês) e, quando esta vogal é usada, o marcador de tempo fica ausente, o que demonstra que Modo e Tempo são núcleos distintos com traços também distintos. Nessa língua, na gramática dos adultos, por outro lado, Tempo e Modo formam uma categoria unitária. De forma geral, a morfologia de modo se desenvolve paralela à morfologia de tempo e a ausência de especificação de tempo em algumas línguas (cf. Deen e Hyams, 2006) é necessária, mas não uma condição suficiente para a expressão de modo irreal.

Deen e Hyams (2006) concluem que o modo é instanciado de diferentes formas nas línguas, ou seja, há evidências de que a oposição *realis/irrealis* é realizada na morfossintaxe das línguas através de formas distintas. Assim, o modo *irrealis* é expresso, na gramática inicial do italiano, pelo imperativo; do grego, pelo “bare perfective” (forma vazia de tempo), já que se trata de uma língua sem infinitivos; no holandês, pelo infinitivo raiz e, em Swahili, pelo subjuntivo e pela ausência de marcador de tempo nele. Todas essas formas estão numa relação de complementaridade e de oposição com as formas finitas que expressam contexto *realis*, pelo menos num determinado momento da aquisição. Nessas línguas, o modo *irrealis* é instanciado por

³ “The expression of irrealis mood in the early grammar excludes a tense specification.” (Tradução nossa)

formas não-finitas, sem especificação de tempo. Isso constitui evidência para uma cisão entre Modo e Tempo, de forma que estes não constituem uma categoria unitária, já que formas não-finitas e, portanto, sem marcas de tempo expressam modalidade irreal e à proporção em que o uso de tempo e de modal aumentam, as formas não-finitas diminuem. Esse dado comprova que a Hipótese da Oposição Semântica pode fornecer explicações para a relação entre semântica e sintaxe na aquisição das línguas.

Blom (2003) argumenta a favor de uma cisão modal (*modal shift*) na referência temporal de RI. Defende o desenvolvimento de 04 estágios na produção de RI na aquisição do holandês. Nos dois primeiros estágios, o RI apresenta diferentes referências temporais e, nos dois últimos, o RI é usado com referência modal. Kalestinova (2007) afirma que o fenômeno do RI não é uma propriedade universal da linguagem da criança, mas depende de propriedades morfossintáticas da língua alvo.

As questões que surgem diante desses resultados são: Por que formas não-finitas instanciam o modo *irrealis* na gramática inicial da criança em algumas línguas? (cf. Deen e Hyams, 2006) Há alguma relação entre Modo e Tempo? Elas constituem categoria unitária no PB ou são acionadas independentemente? Essas questões ainda necessitam de uma resposta adequada e esta apenas será possível quando mais pesquisas forem desenvolvidas nesse sentido.

3.1 A aquisição de complementação sentencial em PB: Resultados parciais

Os exemplos discutidos neste artigo foram retirados do banco de dados do CEDAE⁴ e do CEALL⁵, nos dados de produção de três crianças (AC, G e R), entre as idades de 1,5 anos e 3;7 anos. A pesquisa teve como meta destacar apenas a complementação sentencial infinitiva, subjuntiva e indicativa produzidas pelas crianças. Além disso, observamos apenas os dados infantis e deixamos de lado os dados dos investigadores. Descartamos também orações finais, temporais, concessivas, dentre outras que também trazem marcas morfológicas de subjuntivo. Não foi de nosso interesse nesse artigo discutir complementação gerundiva ou de participios e não foram computadas também respostas de interrogativas sim/não, como em (1):

(1) C: a tua filha quer falar?

A: quer. (AC, 2;08)

Selecionamos apenas ocorrências de formas finitas (indicativo e subjuntivo) e de formas não-finitas (infinitivos) em complementação de sentenças. Encontramos evidências para afirmar que a entrada de infinitivos nos dados infantis do PB é relativamente cedo, por volta de 1;08 anos, conforme o exemplo (2) de futuro perifrástico⁶ ou nos exemplos (3) e (4)⁷. O infinitivo como complementação de sentenças

⁴ Centro de Documentação Cultural Alexandre Eulálio, do Instituto de Estudos da Linguagem – IEL, da UNICAMP.

⁵ Centro de Estudos sobre a Aquisição e Aprendizagem da Linguagem - PUCRS.

⁶ Uma vez que a perífrase formada pelo verbo *ir* + infinitivo pode denotar futuro, preferimos não computá-la para análise.

⁷ Foi registrado o uso de infinitivo, como “patá” (R, 1;06 -tampar); fassá (R, 1;06 -fechar); tapa (R, 1;06 – tampar) em idade anterior ao uso do futuro perifrástico citado nos exemplos (2) e (3); a maioria das ocorrências de infinitivo ocorreu em contextos de volição, contextos de irrealidade. No entanto, mesmo que essas formas pareçam estar expressando modo *irrealis*, não faz parte do escopo dessa pesquisa

(cf. ex. (5) e (6)) e em adjuntos (cf. ex. (7)) ocorreram por volta de 2;01 anos. No entanto, o escopo desse estudo é apenas analisar as complementações sentenciais, por isso evitaremos desenvolver qualquer discussão sobre exemplos que não fazem parte desse objeto.

- | | |
|----------------------------|------------|
| (2) vai jubi (vai subir) | (AC, 1;08) |
| (3) vamos ver | (G, 1;10) |
| (4) a mamãe foi trabalhar | (AC, 1;10) |
| (5) pode pega(r) | (G, 2;01) |
| (6) tu tem que sentar aqui | (AC, 2;03) |
| (7) p(r)a botar café? | (G, 2;01) |

Nos dados de aquisição do PB, registramos que a complementação infinitiva com verbos volitivos, conforme exemplo (8), causativos, como no exemplo (9), ocorrem num estágio inicial de aquisição, por volta dos 2;01 anos, sendo vasta a produção principalmente de verbos volitivos que apresentam relação com a modalidade irreal. Sentenças com verbos causativos e complementação infinitiva também está presente no inglês por volta de 2;01 anos e é escassa a complementação infinitiva de verbos perceptivos, sendo tardia a sua produção, por volta dos 4;07 anos (cf. Freire, 2007), o que não se assemelha ao PB.

- | | |
|--------------------------------|------------|
| (8) eu quero desenhar | (AC, 2;01) |
| (9) deixa eu arrumar isso aqui | (G, 2;03) |

A produção de subjuntivo ocorre tardiamente em relação à complementação de infinitivo, por volta dos 2;08, como nos exemplos (10), (11) e (12), sendo escassa na faixa etária dos 2;0 anos a sua produção. Na maior parte das vezes, a morfologia do subjuntivo foi registrada em contextos de complementação de verbos volitivos.

- | | |
|--|------------|
| (10) eu quero que tu tire a tampa | (AC, 2;08) |
| (11) ela quer que eu segure | (G, 3;0) |
| (12) quando o pai do príncipe do Egito era pequeno, ele mandou que ele seja matado | (AC, 3;07) |

Em alguns casos o indicativo ocorreu em contextos de subjuntivo, conforme exemplos (13) e (14). Acreditamos que a morfologia de subjuntivo, mais utilizada a partir dos 3 anos da criança, começa nessa faixa etária a assumir contextos de irrealidade, antes expresso apenas pela complementação infinitiva que, por sua vez, começa a diminuir por volta dos 3;06 anos. Na verdade, à medida que aumenta o uso de subjuntivo, decresce o de infinitivo.

- | | |
|---|-----------|
| (13) quer que eu pego? | (R, 3;02) |
| (14) ah@i xxx eu quero que você conta,, né? | (R, 3;02) |

analisá-los, já que nos incumbimos apenas de apresentar nesse artigo uma análise sobre a expressão de modo na complementação sentencial na aquisição de PB. Dados sobre infinitivo (raiz) e sua relação com a modalidade na aquisição de PB será tema para uma pesquisa futura.

Os infinitivos nas sentenças encaixadas, por volta dos 3;0 anos, ocorrem também em contextos em que o sujeito da matriz não é o mesmo sujeito da encaixada, como no exemplo (15):

(15) mas eu não deixo ela [/] ela [/] ela para(r) (AC, 3;0)

Conforme a nossa hipótese, em estágio inicial de aquisição em PB, a criança faz uso da complementação sentencial infinitiva em contextos de irrealidade e a indicativa, na expressão do modo *realis*. Em um determinado momento, com a aquisição da morfologia de subjuntivo, por volta dos 2;08 anos da criança, a morfologia desse modo passa a expressar o contexto *irrealis*, ocorrendo assim um decréscimo no uso da complementação infinitiva. O Gráfico 1 apresenta o percentual por faixa etária analisado em três crianças.

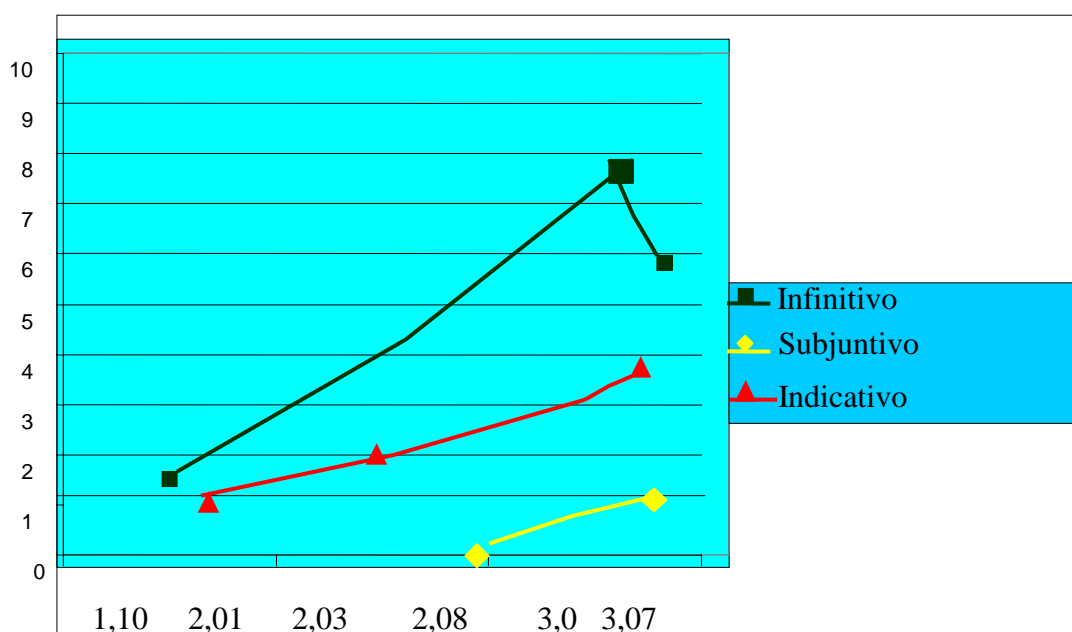


Gráfico 1: Média percentual de infinitivo, subjuntivo e indicativo em complementação sentencial por faixa etária em três crianças

De certo modo, a morfologia de subjuntivo parece estar sendo adquirida na medida em que ela é associada ao contexto *irrealis*, antes expresso apenas pela complementação infinitiva. O indicativo continua no decorrer das faixas etárias de forma estável, se comparado com o aumento de complementação infinitiva no decorrer dos 2;0 anos da criança e uma diminuição em seu uso por volta dos 3;07. A seguir, apresentamos um gráfico do percentual de ocorrências de infinitivos e de subjuntivo na faixa etária de 3;0 anos da criança.⁸

⁸ Numa etapa futura dessa pesquisa, pretendemos analisar a projeção de TP e MoodP na aquisição de PB, de forma a verificar se ambas constituem categorias independentes ou se são acionadas no mesmo período da aquisição, já que, na gramática adulta, elas constituem uma categoria unitária. Kato (1995) assume que, num estágio inicial, a criança apresenta um T com núcleo *default* Presente e que o T terá uma forma flexional para tempo quando apresentar o contraste temporal (presente e passado). Conceição (2006) demonstrou que no PB a gramática infantil apresenta a categoria funcional TP com núcleo [Presente] e [Passado] por volta dos 1;10 anos. Assim, nessa fase, há contraste temporal. Com relação à modalidade,

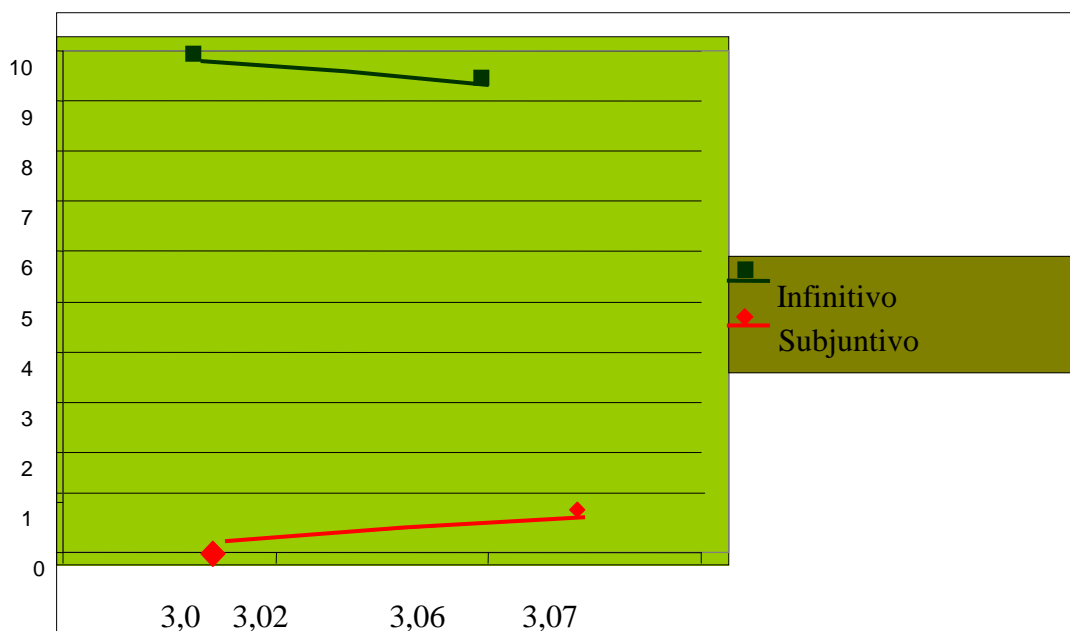


Gráfico 2: Média percentual de infinitivo e subjuntivo em complementação sentencial por faixa etária em três crianças

Na gramática infantil, a partir dos 3 anos, os dados indicam que há um decréscimo de uso da complementação infinitiva em contextos de irrealidade que são assumidos pela morfologia de subjuntivo, que, por sua vez, teve um leve acréscimo de uso, como demonstrado no Gráfico 2. A co-ocorrência de sentenças finitas e infinitivas no PB no período anterior aos 24 meses parece não acionar a categoria Tempo com seus traços de presente e passado (cf. Conceição, 2006), mas será que os traços *realis* e *irrealis* de Modo são acionados independentes dos de Tempo? Observamos que a morfologia de subjuntivo é adquirida a partir do período de 24 meses na gramática infantil e passa a assumir contextos de irrealidade. Acreditamos que TP e MoodP estão em uso pela gramática infantil por volta do período de 24 meses da criança e, no início desse período, tanto a complementação infinitiva quanto a de subjuntivo expressam o *irrealis*, mas, à medida que aumenta o uso do subjuntivo, diminui o de infinitivo. Antes da aquisição da morfologia de subjuntivo, a criança faz uso de formas não-finitas para expressar Modo em contraste com a complementação finita do indicativo, o que nos leva a supor que Tempo e Modo são categorias independentes no período inicial da aquisição, apesar de constituírem uma categoria unitária na gramática adulta do PB. Além disso, supomos também diante desses resultados que traços semânticos pareçam estar envolvidos na aquisição de PB, já que a oposição semântica *realis/irrealis* foi representada na morfologia primeiramente pela forma de infinitivo e, em seguida, pela

até então verificamos que a complementação infinitiva com referência modal aparece também por volta dos 2;0 anos na gramática infantil e expressa contexto de irrealidade. No entanto, acreditamos que o contraste modal entre o *realis* e o *irrealis* ocorre num período anterior aos 1;10 anos através do infinitivo. Os resultados sobre essa questão serão apresentados em um trabalho posterior.

morfologia de subjuntivo. No entanto, uma pesquisa mais detalhada precisa ser feita a fim de chegar a ilações mais consistentes⁹.

De qualquer forma, acreditamos que as sentenças finitas e infinitivas num período anterior a 24 meses não apresentam a mesma estrutura nem o mesmo comportamento semântico. Em um trabalho posterior, apresentaremos resultados mais concretos sobre a categoria MoodP em PB, em que momento ela tende a ser acionada, sua relação com TP e se há algum valor *default* envolvido na aquisição de Modo em PB, assim como há na aquisição de TP (cf. Kato, 1995). Neste artigo, apresentamos apenas resultados parciais e por isso não podemos chegar a conclusões sobre esse fenômeno na aquisição do Português Brasileiro.

4. Considerações finais

Neste artigo, apresentamos resultados parciais sobre os padrões de complementação sentencial na aquisição de PB. Num estágio inicial da aquisição, a partir dos 2;0 anos da criança, observamos que os traços semânticos *realis/irrealis* são expressos, respectivamente, pelo indicativo e infinitivo em complementação sentencial. Quando a criança adquire o subjuntivo, por volta dos 2;08 anos, o marcador morfológico deste passa a assumir a expressão de irrealidade. A categoria Tempo, acionada por volta dos 24 meses, parece manter relação com a categoria Modo, mas não podemos afirmar se formam categoria unitária, já que acreditamos que os valores de Modo estão relacionados com as sentenças finitas e infinitivas no período anterior aos 24 meses. Pretendemos em um trabalho posterior apresentar considerações mais gerais sobre esse fenômeno, além de investigar as restrições que dizem respeito ao efeito de referência disjunta e sua relação com a complementação sentencial no período da aquisição, já que a referência disjunta é uma propriedade tradicionalmente associada ao subjuntivo.

Referências

BLOOM, E. (2003) *From root infinitive to finite sentence*. PhD dissertation, University of Utrecht/LOT.

CHOMSKY, N. (1981) *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris.

CRAIN, S. & LILLO-MARTIN, D. (1999) *An Introduction to Linguistic Theory and Language Acquisition*. Oxford: Blackwell Publishers.

CONCEIÇÃO, S da. (2006) “Aquisição de sentenças matrizes infinitivas no Português Brasileiro em uma criança de 20-24 meses”. *D.E.L.T.A.* [online], vol. 22, n. 1, p. 53-80.

DEEN, K. & HYAMS, N. (2006) “The morphosyntax of mood in early grammar with special reference to Swahili”. *First Language* 26(1): 67-102.

DIESSEL, H. & TOMASELLO, M. (2001) “The acquisition of finite complement clauses in English: A usage based approach to the development of grammatical constructions”. *Cognitive Linguistics* 12: 97-141.

⁹ Pretendemos apresentar em breve resultados a respeito dessas questões.

FREIRE, G. (2007) *Verbos perceptivos e causativos: complementação infinitiva, aspectos sintáticos, semânticos e de aquisição*. Florianópolis. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Universidade Federal de Santa Catarina.

HOEKSTRA, T. & HYAMS, N. (1998) “Aspects of root infinitives”. *Lingua* 106: 81-112.

HYAMS, N. (2001) *Now you hear it, now you don't: the nature of optionality in child grammars*. Proceedings of the 25 BUCLD. Somerville, MA: Cascadilla Press.

HYAMS, N. (2002) “Clausal structure in early Greek: A reply to Varlokosta, Vainikka and Rohrbacher and a reanalysis”. *The Linguistic Review* 19: 225-269.

GIORGI, A. & PIANESI, F. (1997) *Tense and aspect: From semantics to morphosyntax*. Oxford: Oxford University Press.

KALLESTINOVA, E. (2007) “Three stages of root infinitive production in early child Russian”. *First Language* 27(2): 99-131.

KATO, M. (1995) “Raízes não Finitas na Criança e a Construção do Sujeito”. *Caderno de Estudos Lingüísticos* 29: 119-136.

SALUSTRI, M. & HYAMS, N. (2003) “Is there an analogue to the RI stage in the null subject languages?” In: *Proceedings of the BUCLD 27*: 692-703.

STEPHANY, U. (1997) “The Acquisition of Greek”. In: SLOBIN, D. (ed.) *The cross-linguistic study of language acquisition*. vol. 4. Hillsdale, N.J.: Erlbaum, p. 183-333.